



O Terceiro Sexo – Uma Abordagem Social e Cultural da Homossexualidade em Parintins¹

Kamila Mendonça de SOUZA²
Carlos Henrique Muniz REIS³
Inara Machado OLIVEIRA⁴
Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA⁵

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

Este *paper* tem o objetivo de apresentar o processo de construção do roteiro do documentário “O Terceiro Sexo – Uma Abordagem Social e Cultural da Homossexualidade em Parintins”. O documentário terá como base a teoria de Mídia Radical, compreendida enquanto uma forma de comunicação alternativa que se distancia da mídia hegemônica. O vídeo pretende abordar os obstáculos enfrentados pelos homossexuais. Parintins não têm grandes manifestações e/ou reivindicações para este grupo, logo, os homossexuais utilizam-se de festas temáticas gays para ganharem visibilidade. O produto audiovisual visa dar um espaço para os homossexuais relatarem sua orientação sexual, o preconceito, os movimentos nas festas e evidenciar um outro olhar sobre os eventos. Os procedimentos metodológicos serão realizados em três etapas, pré-produção, filmagem e pós-produção.

Palavra-chave: Documentário; Orientação sexual; Preconceito; Homofobia; Roteiro.

INTRODUÇÃO

A proposta da criação do documentário “O Terceiro Sexo – Uma Abordagem Social e Cultural da Homossexualidade em Parintins” surgiu a partir da ideia de criar uma estratégia de apresentar essa temática para o público de forma dinâmica e clara, com o intuito de proporcionar ao telespectador a possibilidade de conhecer uma realidade quase sempre mostrada de forma preconceituosa e camuflada.

O documentário é um produto audiovisual com base na teoria da Mídia Radical, que é uma mídia alternativa que se distancia da mídia hegemônica. “Com o termo mídia radical, refiro-me à mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de não ficção (avulso ou seriado).

² Aluna líder recém-graduada no Curso Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: kamile.souza@hotmail.com

³ Aluno recém-graduado no Curso Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: carlinho_muniz@hotmail.com

⁴ Aluna recém-graduada no Curso Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: inarajornalista@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e-mail: rafaelbellan@yahoo.com.br.



expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2004, p.21).

Para Downing (2004, p.68-69), a mídia radical possibilita “que as pessoas engajadas em movimentos sociais comuniquem esses e outros discernimentos umas às outras”. O autor assevera que há “urgência do ativismo da mídia diante dos bloqueios da expressão pública”. Assim sendo, o nosso vídeo representa e dá voz a minoria por meio da mídia alternativa contra-hegemônica.

“Uma das primeiras teorias científicas sobre a homossexualidade é a ideia de ‘terceiro sexo’, desenvolvida na segunda metade do século XIX, em que o homossexual era visto como possuidor de uma alma feminina em um corpo masculino” (NUCCI, MARINA FISHER; RUSSO, JANE ARAÚJO, 2009). O nome do documentário foi utilizado para definir todas as pessoas que não se consideram nem homens nem mulheres, este mesmo se define por homens que tem pensamentos e comportamentos femininos e da mesma forma o oposto, o gênero, o terceiro sexo é uma forma de mostrar o estado de ser neutro ou a troca de sexo. Esta é uma forma de englobar todos os entrevistados homossexuais em uma só categoria que não fosse ofensiva ao grupo retratado.

A produção de um documentário requer a existência de um roteiro, o qual facilita a construção do filme. O roteiro foi elaborado para direcionar a abordagem sobre o tema, quem seriam os possíveis entrevistados, cenários das entrevistas, como seria feita a captação de imagens e a seleção de arquivos das imagens sobre as festas realizadas por esse grupo. O propósito é expor o preconceito e diversos ângulos da homossexualidade na cidade de Parintins. A partir do processo social, cultural e biográfico das pessoas que compõe este grupo, buscamos interpretar o convívio destes diante da sociedade, relacionamento com a família, lutas por direitos por meio de movimentos organizados e de caráter político. Neste sentido, também se buscou identificar como são vistas as manifestações culturais dos homossexuais em Parintins. Para tanto, um dos questionamentos do estudo é: as festas de cunho gay realizadas na cidade operam para diminuir ou consolidar o estereótipo convencionado pela sociedade em relação à imagem do homossexual?

Portanto, para apresentar esta problemática pensou-se na elaboração de um vídeo-documentário com a finalidade de dar visibilidade a este grupo que luta por seus direitos e um espaço digno na sociedade.



OBJETIVO

A ideia da produção do documentário “O Terceiro Sexo – Uma Abordagem Social e Cultural da Homossexualidade em Parintins” foi fazer um registro de depoimentos dos homossexuais (masculino e feminino). Mas, para tal registro, como meio de planejamento foi elaborado um roteiro para facilitar o processo de produção e a escolha das locações, de entrevistados e das sonoras.

Puccini (2008, p.16) afirma que “roteirizar significa recortar, selecionar, estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim”. Para realizar um documentário é importante o uso do roteiro, para que este oriente o caminho a ser percorrido no processo de produção, portanto, fez-se imprescindível a criação do roteiro para estruturar a linha narrativa do documentário com vistas a apresentar ao espectador uma visão mais ampla da realidade dos homossexuais.

Segundo Alex Moletta (2009, p. 35-6) o roteiro “é um guia de ação visual e sonora utilizado para contar uma história e transmitir uma experiência humana. [...] o roteiro trabalha com três elementos básicos: ação, espaço e tempo”. Com base nesse pensamento, o documentário visa extrair relatos que possam compartilhar experiências e conflitos na família e na sociedade, apresentando os problemas enfrentados, pelos homossexuais, em assumir sua orientação sexual e as dificuldades no seu cotidiano, fazendo com que o público tenha uma ampla reflexão sobre a temática. Pretende-se, assim, enfatizar questões como o preconceito e a homofobia.

JUSTIFICATIVA

“A vida sexual nas sociedades modernas, como tantas outras coisas, está sofrendo importantes mudanças que afetam as vidas emocionais” (GIDDENS, 2005, p. 102). A sexualidade é um tema que deve ser discutido em casa, nas escolas e todas as esferas públicas da sociedade. Mesmo em face ao fácil acesso à informação nos meios de comunicação, entre eles a internet, ainda há dúvidas em relação a este assunto, principalmente na adolescência, no qual há crises intensas de identidade.

Em todas as sociedades existem normas sexuais que aprovam certas práticas, enquanto desencorajam e condenam outras. Os membros de uma sociedade aprendem essas normas através da socialização. Nas últimas décadas, por exemplo, as normas sexuais nas culturas ocidentais foram associadas às ideias do amor romântico e das relações familiares. Essas normas, contudo, variam grandemente nas diferentes culturas. A homossexualidade é um dos casos. Algumas culturas toleram ou



ativamente encorajam a homossexualidade em certos contextos. Entre os antigos gregos, por exemplo, o amor de homens por meninos era idealizado como a mais elevada forma de amor sexual (GIDDENS, 2005, p. 117).

A homossexualidade está presente em nossas vidas até mesmo antes de Cristo, mas não causava nenhum impacto perante a sociedade, era visto como ato normal em muitas civilizações como a Romana, Grega e Asiática. É um tema polêmico na atualidade, o qual provoca uma discussão sobre a questão de ser ela uma doença, um desvio comportamental do indivíduo ou mesmo uma questão biogenética.

O termo “homossexualidade” foi cunhado por volta de 1860 e, desde então, os homossexuais são cada vez mais vistos como um tipo separado de pessoas como uma aberração particular (Weeks, 1986). A homossexualidade tornou-se parte de um discurso “medicalizado”; falava-se dela em termos clínicos, como um distúrbio psiquiátrico, mas do que como um ‘pecado’ religioso. Os homossexuais, juntamente com outros ‘desviados’, como os pedófilos e os travestis, eram considerados sofrendores de uma patologia biológica que ameaçava a integridade da tendência dominante da sociedade (GIDDENS, 2005, p. 120).

Bock (2001) diz que os homossexuais enfrentam na sociedade atual a intransigência e a intolerância de grupos conservadores que, por motivos morais, não conseguem aceitar uma escolha sexual diferente da considerada padrão. Por este motivo, o medo do homossexual em revelar sua orientação sexual está relacionado ao preconceito da sociedade, à hostilização e a discriminação.

Os homossexuais fazem parte de uma minoria que luta pelos seus direitos como qualquer outro grupo, com objetivo de vencer o preconceito. “Os preconceitos, portanto, são obra da própria integração social (...) que experimenta suas reais possibilidades de movimento mediante ideias e ideologias isentas de preconceitos” (HELLER, 2008, p.76).

Os homossexuais realizam movimentos para reivindicar seus direitos e legalização da união homoafetiva, desenvolvendo estratégias em busca da igualdade. “Os movimentos sociais constituem uma das expressões mais dinâmicas de resistência, em comparação com instituições mais estáveis e duradouras, como sindicatos e partidos” (DOWNING, 2004, p.55). Os movimentos também têm em vista a socialização e a integração dos homossexuais na sociedade que na maioria das vezes são vistos como anormais e concebidos como doentes mentais, por isso sofrem perseguições.

Estudos de Gohn (2010) apontam que, em 1995, para a reivindicação dos direitos dos homossexuais, foi criada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis



(ABGLT). Desde então, o movimento cresceu. Com isso, em 1996 aconteceu a primeira Parada Nacional do Orgulho GLBT – Gays, Lésbicas, Bi e Transexuais. A sigla sofreu alterações no ano de 2008, durante a 1ª Conferência de Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que aconteceu em Brasília. A sigla do movimento mudou de GLBT para LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Em Parintins, a Associação de Gays, Lésbicas e Travestis de Parintins (AGLTPIN) foi criada no dia 30 de março de 2007, com o objetivo de defender os direitos dos homossexuais da cidade. A entidade segue as diretrizes das Confederações Nacional e Estadual.

A comunidade LGBTT realiza movimentos como as Paradas *Gays*, que são promovidas com objetivo de combater à violência, discriminação, preconceito e a homofobia. Também visando construir ferramentas e estratégias para reivindicar segurança e igualdade, ressaltando que este grupo enfrentam barreiras para promover os movimentos.

Apesar das dificuldades financeiras e falta de apoio, a AGLTPIN, realizou no dia 25 de junho de 2007, a 1ª Parada Gay pela diversidade sexual, com o tema “Parintins sem Homofobia”, com intuito de reivindicar, junto aos parlamentares, Políticas Públicas voltadas aos LGBT’s, visando integração do grupo na comunidade. No mesmo ano, promoveram eventos na área esportiva. Em 27 de agosto de 2008, realizaram 1ª Conferência Intermunicipal LGBT, a qual tratou sobre os direitos humanos e políticas públicas, abordando a temática “Caminho para garantir a Cidadania LGBT”. Ainda em 2008, ministraram oficinas LGBT. Em 2012, realizaram o I Seminário LGBT sobre Diversidade Sexual, Homofobia e Direitos Humanos, que teve como a temática “Defender e Promover a Liberdade de Orientação Sexual”.

Em Parintins há ainda manifestações culturais dos homossexuais, que de acordo com organizadores são formas de combater o preconceito. Nessas manifestações, os homossexuais possuem um espaço para apresentar sua identidade a partir da sua orientação sexual, também para reunirem-se para trocar experiências e a comunicação entre os demais.

Mediante estas implicações que o grupo homossexual enfrenta na sociedade foi produzido o documentário “O Terceiro Sexo” para dar voz a esta minoria. O roteiro do documentário propõe apresentar as festas e opiniões sobre os eventos, com o propósito de que o público conheça as duas dimensões da questão. Neste produto audiovisual com base na mídia radical é oferecido espaço para os homossexuais relatarem as dificuldades e anseios perante a sociedade, buscando promover uma reflexão sobre o assunto e mostrar ao telespectador os obstáculos enfrentados por este grupo.



MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O vídeo-documentário propõe mostrar determinados ângulos das manifestações culturais e sociais da diversidade sexual em Parintins. De acordo com Puccini (2009), a produção audiovisual pode ser resultado de um processo criativo do cineasta, o qual será composto por várias etapas de seleção comandadas por escolhas subjetivas do produtor. Para isso, o documentário vai adotar uma linguagem simples e dinâmica, capaz de garantir o entendimento e o interesse do público.

O documentário projeta contemplar um resgate em vídeo das manifestações homossexuais e diálogos dos mesmos, valorizando a oralidade, caracterização e memória das festas. Para tanto, primeiramente, realizamos pesquisas de campo, coleta de informações sobre o surgimento das festas gays em Parintins, escolha dos personagens e o levantamento de arquivos para serem utilizados como imagens de apoio (manifestações culturais homossexuais em Parintins realizados nos anos de 2006, 2009, 2010, 2012 e 2013, dentre as principais: Show de Transformismo, Boi-boiola e do grupo Talulas Bee). A investigação das festas ainda tiveram a intenção de saber se elas atuam para diminuir ou consolidar o estereótipo existente em relação à imagem do homossexual.

Todo projeto de documentário necessita de um cronograma. O planejamento é uma tarefa indispensável na realização de um produto audiovisual. Deve-se incluir neste cronograma: captação de sonoras externas (entrevistas), gravação de locução, edição, confecção de arte final (caracteres, vinhetas, etc.) e trilhas sonoras ou músicas, etc.

De acordo com Pucinni (2008, p.16) “O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário”. No processo seletivo, definimos os personagens que pudessem oferecer corpo a esta investigação.

Segundo Puccini (2009. p.33) “a pré-entrevista marca o primeiro contato entre documentarista, com os possíveis participantes do documentário, além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que o habitam”. Conforme planejamento, realizaram-se pré-entrevistas com os organizadores das festas e transformistas conhecidos na cidade para anotarmos detalhes para a construção do roteiro.

A partir dessas conversas informais, optamos em dividir o vídeo em blocos. No processo também foi decidido como seria a captura do material audiovisual de cada personagem e seleção de entrevista.



O percurso metodológico do documentário segue os moldes de autores como Lucena (2012), pois, este trabalha com os conceitos da prática documentaria e Puccini (2009), o qual realiza estudo do processo da roteirização da produção de documentário.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As pesquisas foram realizadas na cidade de Parintins, inicialmente com as festas do “Boi Boiola”, “Baile Show de Transformismo e Talulas Bee”. Além das festas foi feita pesquisa sobre a Associação de Gays, Lésbicas e Travestis de Parintins- AGLTPIN, bem como casos de homossexuais e lésbicas que já sofreram ou sofrem com o preconceito. Em seguida foi feita a elaboração do roteiro do documentário. As primeiras imagens gravadas foi na festa “Boi Boiola”. Nela, ocorreu à aproximação com os brincantes e organizadores do evento, possibilitando marcar as entrevistas necessárias para o documentário.

As pré-entrevistas foram o primeiro passo deste trabalho. Após esta etapa, foi possível definir quem seriam responsáveis por conduzir o documentário. Entre os entrevistados, dois especialistas - um sociólogo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) do *Campus* Parintins e um psicólogo – e o presidente da AGLTPIN.

Na fase de pré-produção, criou-se um pré-roteiro, a fim de nortear as entrevistas e facilitar a produção do produto final, porém, as pré-entrevistas motivaram alterações, criando-se um novo roteiro para o processo de filmagem.

Para as filmagens, definiu-se que os equipamentos a serem utilizados seriam 02 (dois) cartões de memória SD32G (120Gb), 02 (duas) câmeras Canon T3i - as quais possibilitam gravar em full HD, dimensão 1920x1080, 01 tripé, lentes Canon 18-55mm, 01 (um) iluminador portátil a led e microfone *boom*.

Após as gravações realizamos a decupagem das imagens, as quais totalizaram 120Gb. Por meio da decupagem, elaborou-se novo roteiro para a edição. Para o documentário faremos uso de *prints* de páginas da internet dos jornais locais de Parintins e músicas de acordo com as festas gays e para montagem do vídeo e criação da arte gráfica das vinhetas e cortinas será utilizado o *software* Adobe Premier CS6.

Quanto à duração, optamos em não ultrapassar 20 minutos. Quanto ao estilo, optamos pelo direto e a abordagem participativa. Para facilitar a montagem do documentário produzimos o roteiro de edição que possibilita a definição da estrutura do documentário. Escolhemos por dividir o documentário em blocos para torná-lo mais



dinâmico, um total de sete partes: orientação sexual, obstáculos, festas, outro olhar das festas, homofobia, AGLTPIN e mensagem dos homossexuais referente à orientação sexual.

O primeiro bloco é sobre “Orientação Sexual”, no qual cada personagem apresenta sua orientação sexual. O segundo bloco trata sobre os “Obstáculos”. O terceiro bloco apresenta as “Festas”, contendo relatos dos participantes e organizadores. O bloco “Outro Olhar” apresenta opiniões sobre as festas gays realizadas em Parintins. “Homofobia” é o bloco que evidencia os crimes violentos ocorridos contra homossexuais na cidade e o medo que os entrevistados sentem pelos fatos ocorridos. No bloco “AGTPIN”, os entrevistados falam sobre a falta de união dos homossexuais em Parintins. No último bloco, intitulado “Mensagem”, é um espaço para os entrevistados homossexuais deixarem sua mensagem para o público.

Para a identificação dos entrevistados, usaremos legendas descrevendo como eles gostam de ser chamados e sua respectiva profissão. O produto final foi gravado em DVD vídeo personalizado e tem como público alvo a população em geral, o público GLBT (gays, lésbicas e travestis), simpatizantes, estudiosos do assunto e profissionais da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “O Terceiro Sexo – Uma Abordagem Social e Cultural da Homossexualidade em Parintins” evidencia os obstáculos enfrentados pelos homossexuais na sociedade como a homofobia e o preconceito ainda existentes neste meio. A partir deste trabalho, foi possível perceber a importância e os desafios dos profissionais em roteirizar um produto. Pois há mudanças na trajetória do processo de produção, de acordo com o direcionamento dos entrevistados.

Para realizarmos as pré-entrevistas formulamos perguntas de acordo com a temática de maneira cautelosa para não causar constrangimentos aos entrevistados. A etapa da pré-entrevista possibilita um vínculo com os entrevistados e proporciona o diálogo.

O resultado do trabalho foi a conclusão de um documentário com duração de 17”42” (dezessete minutos e quarenta e dois segundos) sobre a homossexualidade em Parintins, que reuniu depoimentos e imagens das manifestações culturais homossexuais.

Durante o percurso verificamos que o tema homossexualidade precisa de pesquisas e projetos como esse, para que possam fortalecer a luta do grupo em Parintins. Na investigação sobre a diversidade sexual percebe-se que o grupo homossexual não possui políticas articuladas em favor de sua igualdade e segurança.



O documentário “O Terceiro Sexo” mostra o estereótipo dos homossexuais da cidade e suas diferentes relações sociais. Também é apresentado no vídeo casos de discriminação e preconceito contra homossexuais ocorridos no município.

Este produto audiovisual proporciona um olhar mais aprofundado sobre o tema de grande extensão que é falar sobre a homossexualidade, assunto que provoca a polêmica do e ainda assusta muitas pessoas. Podemos perceber evidentemente o preconceito sobre este coletivo, a desvalorização e o sarcasmo.

O documentário ajudará o grupo homossexual à por em discussão seus anseios, por meio de relatos personagens reais. Permite ao público um conceito amplo e a possibilidade de conhecer uma realidade até então estereotipada. O vídeo valoriza ainda diálogos abertos, relatos sobre as dificuldades do grupo, manifestações culturais e a convivência com a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Merês Bahia. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Sairava, 2001.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papyrus, 2009. (Coleção Campo Imagético).